



FERNANDO LIGUORI

A LIBERDADE THELÊMICA & O JULGAMENTO DE LEO LINS VERITAS IN RISUS

DA SÉRIE: O OLHO DE HOOR

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

[G]rupos absolutistas e totalitários da natureza mais vil utilizam o liberalismo como um manto sob o qual se movem para restabelecer tiranias e extinguir a liberdade de todos os que se opõem a eles. Assim, grupos religiosos buscam ab-rogar a liberdade da arte, da fala e da imprensa; reacionários procuram suprimir o trabalho; comunistas, estabelecer ditaduras — e tudo em nome da «liberdade» [...].

Enquanto escrevo, grupos alegadamente liberais estão agitando pelo cerceamento de fóruns públicos para aqueles que rotulam de fascistas. Sociedades «americanistas» se empenham na supressão da literatura e discurso comunistas ou «vermelhos». Grupos religiosos, apoiados por uma imprensa ávida por publicidade, estão constantemente em campanha pela proibição de arte e literatura que, como se por prerrogativa divina, classificam como «indecente», imoral ou perigosa.

Parece que todas essas organizações se dedicam a um propósito comum: a supressão da liberdade. Sua sinceridade não é desculpa. A História é um testemunho sangrento de que a sinceridade pode perpetrar atrocidades que o cinismo mal poderia conceber. Cada um desses grupos está envolvido numa luta frenética para vender, trair ou destruir a liberdade que era seu direito de nascimento e que, somente ela, assegurava sua existência atual.

A liberdade é uma espada de dois gumes. Aquele que acredita que a absoluta correção de sua crença é autoridade para suprimir os direitos e opiniões de seus semelhantes não pode ser um liberal. O liberalismo não pode existir onde viola seus próprios princípios. Ele não pode existir onde o vendedor de emergências ou o comerciante de utopias consegue uma suspensão dos direitos, seja temporária ou permanente. A liberdade não pode ser suprimida para se defender o liberalismo.

Jack Parsons, *Freedom is a Two-Edged Sword*, 1946.



liberdade de expressão não é um luxo civilizacional! Quando a Verdade é tornada refém da sensibilidade alheia, toda Estrela é impedida de brilhar com sua própria Luz. O caso recente do humorista brasileiro Leo Lins¹ — condenado a oito anos de prisão por fazer piadas consideradas ofensivas — não constitui apenas um ataque à liberdade de expressão, mas expõe o triunfo da moralidade escravizante sobre a ética da Vontade em nossa atual sociedade de opressão. Em *Thelema*, toda ideia de *bem* ou *mal* é substituída pela medida da Verdadeira Vontade: *não existe lei além de Faz o que tu queres* (AL III:60). Quando o Estado ergue tribunais para julgar o riso segundo códigos morais herdados do ressentimento, já não se trata de justiça, mas da negação de alguém acessar e cumprir sua Verdadeira Vontade. Em *Thelema*, a *expressão* não é um privilégio garantido por consenso, mas um dever ontológico de existência: *Faz o que tu queres há de ser o todo da Lei* (Liber AL I:40). Toda tentativa de restringir a fala, o gesto, a arte, o riso, é um atentado contra a própria raiz do Ser.

Jack Parsons (1914-1952),² ao comentar o avanço do totalitarismo travestido de progressismo, advertiu em seu artigo *Freedom is a Two-Edged Sword* que *a liberdade não pode ser suprimida para defender o liberalismo*. O

¹ Em 3 de junho de 2025 E.V., o humorista brasileiro Leo Lins foi condenado a oito anos e três meses de prisão em regime fechado pela 3ª Vara Criminal Federal de São Paulo. A sentença decorre de piadas proferidas durante seu show *Perturbador*, realizado em 2022 E.V. e posteriormente disponibilizado no YouTube, onde acumulou mais de três milhões de visualizações. As piadas foram consideradas discriminatórias contra diversos grupos minoritários, incluindo negros, obesos, indígenas, homossexuais, pessoas com HIV, idosos, evangélicos, judeus, nordestinos e pessoas com deficiência. Além da pena de prisão, Lins foi condenado ao pagamento de uma multa equivalente a 1.170 salários mínimos e a uma indenização de R\$ 303,6 mil por danos morais coletivos.

A decisão judicial gerou intenso debate na sociedade brasileira, especialmente no meio artístico e jurídico, sobre os limites da liberdade de expressão e o papel do humor na crítica social. A defesa de Lins anunciou que recorrerá da sentença, classificando-a como desproporcional e preocupante para a liberdade artística no país.

Esse caso ocorre em um contexto político e social marcado por discussões acaloradas sobre liberdade de expressão, censura e os limites do politicamente correto. A condenação de Lins é vista como um reflexo de uma tendência crescente de judicialização da expressão artística e humorística, levantando questões sobre o equilíbrio entre a proteção de grupos vulneráveis e a preservação de direitos fundamentais, como a liberdade de expressão.

A pena, desproporcional mesmo sob os parâmetros do direito penal brasileiro, marca um ponto alarmante no avanço da coerção ideológica promovida por setores estatais, judiciais e militantes que se valem de noções morais subjetivas como fundamento para suprimir liberdades individuais. Essa condenação não se restringe ao campo jurídico ou humorístico: ela revela o uso do aparelho repressivo do Estado para reeducar comportamentos e suprimir vozes dissidentes, em nome de um suposto bem coletivo. A crítica thelêmica, por sua vez, denuncia esse processo como expressão da *Restrição* — o único pecado segundo O LIVRO DA LEI. Tal como advertia Jack Parsons, os *grupos absolutistas e totalitários da mais vil natureza usam o liberalismo como manto sob o qual buscam restaurar tiranias e extinguir a liberdade* (*Freedom is a Two-Edged Sword*, 1946). A sentença de Lins não é um caso isolado, mas o reflexo brasileiro de uma lógica global que, como no caso Bret Weinstein nos Estados Unidos, busca silenciar a Verdadeira Vontade sob o pretexto da justiça social. Contra isso, *Thelema* ergue o estandarte da liberdade absoluta: *todo homem e toda mulher é uma estrela* (AL I:3) — e nenhuma Estrela pode brilhar sob o julgo da moralidade imposta.

² Jack Parsons, cujo nome completo era Marvel Whiteside Parsons, foi um cientista de foguetes norte-americano, um dos fundadores do *Jet Propulsion Laboratory* (JPL) e pioneiro na engenharia aeroespacial. Contudo, Parsons é igualmente reconhecido por sua profunda devoção à Lei de *Thelema* e à figura de Aleister Crowley (1875-1947). Iniciado na *Ordo Templi Orientis*, tornou-se o principal propagador da filosofia thelêmica na costa oeste dos Estados Unidos durante a década de 1940 E.V. Seu ensaio *Freedom is a Two-Edged Sword* articula com clareza filosófica os perigos das ideologias totalitárias travestidas de liberalismo, e é considerado uma das mais lúcidas defesas thelêmicas da liberdade individual. Sua trágica morte, aos 37 anos, em uma explosão misteriosa em seu laboratório, consolidou seu legado como mártir da Liberdade em um tempo de repressão crescente.

mesmo espírito que exigiu o banimento de Bret Weinstein³ por não se curvar a dogmas ideológicos em *Evergreen State College* é o que agora prende um comediante por fazer piadas. A semelhança é estrutural: ambos os casos revelam a transformação da justiça social em ferramenta de censura ritual. Bret Weinstein ousou discordar da performatividade racializada de uma celebração universitária; Leo Lins ousou rir de tudo que os sacerdotes do novo puritanismo político declaram sagrado. Ambos foram linchados — um simbolicamente, outro judicialmente — por se recusarem a aderir à nova liturgia do sofrimento compulsório.

A Lei de Thelema não se curva diante da ditadura emocional nem reconhece qualquer direito sagrado à não-ofensa. *Todo homem e toda mulher é uma estrela* (AL I:3), e a órbita de uma estrela não deve jamais ser regulada por outra. A diferença entre uma opinião e uma opressão está no ato, não na emoção: *palavras não são pedras, e sticks and stones*⁴ ainda são a linha moral que separa a civilização da tirania. Quando o riso se torna um crime, o Estado tornou-se uma nova Inquisição, e seu tribunal, um Templo de Ressentimento. Nesse sentido, a condenação de Leo Lins não é apenas juridicamente desproporcional; ela é ontologicamente contrária ao espírito da Lei de Thelema. A supressão do riso é a negação do *Logos* livre.

Crowley nos ensinou que a Vontade não é um desejo, mas um movimento interior inalienável. O comediante que sobe ao palco para provocar riso e desconforto está em pleno exercício de sua Verdadeira vontade e amparado diretamente pela *conversação* com o seu Sagrado Anjo Guardião. A piada, por mais cruel ou desconcertante que seja, é uma forma de magia. É um feitiço que invoca arquétipos, quebra ídolos, revela feridas. Aquele que se ofende é livre para sair do teatro, mas não tem o direito de destruí-lo. Como escreveu: *há*

³ Em 2017 E.V., o professor Bret Weinstein, biólogo e ativista progressista, foi alvo de intensa perseguição ideológica em *Evergreen State College* (Washington, EUA), após questionar, por e-mail, uma alteração no tradicional *Dia da Ausência* — evento antirracista no qual, naquele ano, brancos foram convidados a deixar o campus. Weinstein considerou a proposta racista e antitética à igualdade civil. Estudantes o acusaram de racismo, invadiram sua sala de aula, impediram-no de falar e o forçaram a abandonar o campus por questões de segurança. A administração da universidade, em vez de protegê-lo, cedeu ao clima de intimidação. O caso ganhou repercussão internacional e tornou-se símbolo da intolerância promovida por setores identitários em nome da justiça social. A filosofia thelêmica vê episódios assim como expressões do *restricionismo* — coerção moral travestida de virtude — em oposição direta à ética da Verdadeira Vontade e à liberdade de expressão defendida em LIBER OZ e nos escritos de Crowley.

⁴ A expressão inglesa *sticks and stones may break my bones, but words shall never hurt me* (lit. *pedras e paus podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca irão me ferir*) é um provérbio tradicional que ressalta a diferença entre agressão física e discurso ofensivo, sugerindo que palavras, por mais duras, não devem ser tratadas como violência real. Na ética thelêmica, essa distinção é fundamental: não se deve confundir liberdade de expressão com agressão direta, sendo lícito expressar opiniões contundentes, desde que não se atravesse o limite da interferência física ou da violação da autonomia do outro — princípio refletido em LIBER AL I:41: *A palavra de Pecado é Restrição*).

Se o indivíduo é verdadeiramente um Rei — no sentido thelêmico de um centro soberano da Vontade — então ele não pode ser ferido por palavras, pois sua dignidade reside na Estrela interior, e não na aprovação alheia. Como ensinam Os COMENTÁRIOS DO AL (Tomo I, 2025) o Rei é aquele que reconhece em si a autoridade última de sua Lei, e por isso não pode ser ofendido, rebaixado ou silenciado por meras opiniões externas. Essa é a essência do verso: *Todo homem e toda mulher é uma estrela* (AL I:3). Aqueles que exigem proteção contra palavras revelam-se ainda escravos — pois quem teme a fala do outro não domina a própria Estrela, mas vive à mercê dos reflexos da esfera social. Aquele que reina sobre si mesmo sabe que a crítica, o riso ou a blasfêmia não são ameaças, mas testes da solidez de sua Vontade.

*crimes mais destrutivos à dignidade do homem do que o assassinato: entre eles está o crime de suprimir a vontade de outro.*⁵

No fundo, o que está em jogo não é Leo Lins, nem suas piadas, mas a própria possibilidade do Sorriso como *gnōsis*. O riso, como a palavra mágica, fende o real, expõe o ridículo, dissolve o medo. E é precisamente por isso que o tirano o teme. Um mundo onde não se pode zombar é um mundo onde não se pode pensar. A Thelema nos ordena a resistir: *todo homem e toda mulher é uma estrela*, Em nome da Verdade, da Liberdade e da Lei de Thelema, devemos dizer: *Leo Lins é um de nós*. Que sua condenação desperte a rebelião sagrada daqueles que sabem que a Vontade não é domesticável — nem mesmo pelo riso.

Costuma-se perguntar qual seria a causa fundamental da queda de tantos aspirantes à Luz em Thelema. De fato, trata-se de um mistério profundo, digno de múltiplos volumes. Aleister Crowley já alertava que oito ou nove dentre dez fracassarão, e minha experiência pessoal ao longo de vinte e cinco anos de prática mágica e estudo do sistema da A·A·A· apenas confirma esse prognóstico. Mas por quê? A resposta passa por compreender a tensão entre os planos horizontal e vertical da existência: o primeiro ligado aos desejos mundanos e às demandas do cotidiano; o segundo, à aspiração pela Verdadeira Vontade. Esta tensão é o campo de prova do iniciado. O plano horizontal distrai; o vertical consagra. Conhecer a si mesmo, como ensina a máxima délfica, é alinhar o céu com a terra.

Todos os verdadeiros mestres de nossa corrente advertiram sobre o mesmo perigo: a infiltração sutil de elementos anti-thelêmicos no nosso campo de influência. Em 1958 E.V. Karl Germer (1885–1962)⁶ foi categórico:

⁵ Aleister Crowley. *MAGICK WITHOUT TEARS*. Weiser, 1973, p. 248. Na Carta 30, Crowley afirma que há crimes mais danosos à dignidade humana que o assassinato — entre eles, o de suprimir a vontade de outro —, refletindo o núcleo ético da Lei de Thelema: *Faz o que tu queres há de ser o todo da Lei* (AL I:40).

⁶ Karl Germer, nascido Karl Johannes Germer na Alemanha, foi o mais confiável discípulo de Aleister Crowley e apontado como seu executor literário oficial nos EUA. Iniciado por Crowley na década de 1920, Germer foi nomeado por ele como seu sucessor e herdeiro mágico para as Ordens A·A·A· e *Ordo Templi Orientis*, O.T.O. Após a morte do Profeta da Lei, Germer assumiu a preservação e continuidade da obra de Crowley com zelo intransigente, tornando-se o guardião do acervo literário, mágico e doutrinário da *Corrente 93*. Durante o *Período de Silêncio* da A·A·A· pós-Segunda Guerra Mundial, ele manteve a Ordem viva em caráter interno, evitando qualquer institucionalização pública e limitando o acesso à tradição a estudantes cuidadosamente escolhidos. Isso ocorreu devido as circunstâncias culturais e sociais da década de 1950 e início de 1960 nos EUA, com um surto histórico anticomunista em meio a eclosão da Guerra Fria que começa em março de 1947 a dezembro de 1989 com a queda do Muro de Berlin.

Entre seus correspondentes destacou-se Marcelo Motta, com quem Germer manteve comunicação ativa entre os anos 1950 e sua morte em 1962. Em diversas cartas, Germer reconheceu Motta como um discípulo dotado de qualificação intelectual, espiritual e ética, chegando a encorajá-lo a assinar o Juramento do Abismo e tornar-se um Mestre do Templo, o que julgou ser um erro posteriormente; em todo caso, não apontou Motta diretamente para continuar seu trabalho. Como afirmou em carta de 1958, referindo-se ao futuro da Ordem: *Há alguns pequenos espíritos que proclamam sua tolice dizendo que Thelema está morta [...] Os Deuses, no entanto, têm Seu próprio Cronograma*. (Germer para Motta, 9 de dezembro de 1958). A julgar por essa passagem e suas atitudes com relação a continuidade do trabalho, Germer deixou em aberto a questão da sucessão: *Apesar de sua correspondência próxima com Motta, e de sua afeição por Phyllis Seckler, ele não nomeou sucessor algum, deixando toda a biblioteca de Crowley «aos Chefes da Ordem»*. Germer nomeou sua esposa, Sascha, e Frederick Mellinger como seus executores literários em seu último testamento. *Parecia que, com a morte de Karl Germer, o movimento thelêmico também havia sido, por ora, posto em repouso*. (Keith Readdy. *ONE TRUTH AND ONE SPIRIT*. Ibis, 2018, pp. 172).

*Existe um perigo maior do que qualquer outro para um Thelemita: ter em seu círculo um elemento impuro, partículas hostis à Thelema. Isso gerará escorpiões e venenos.*⁷ Referia-se, nesse caso, à esposa de Grady McMurtry (1918–1985),⁸ cuja presença desviava Grady de sua Vontade. O ensinamento é claro: o universo de uma Estrela deve ser cuidadosamente guardado, pois seu brilho depende da pureza de sua órbita.

Incontáveis são os casos de aspirantes que sacrificam a Obra pelo conforto conjugal, pelas exigências de relacionamentos descompassados com a Lei. Como nos adverte o AL I:57: *Invocai-me sob minhas estrelas! Amor é a lei, amor sob vontade. Nem confundam os tolos o amor; pois existem amor e amor. Existe o pombo, e existe a serpente. Escolhei bem!* Amar fora da Vontade é conjurar escorpiões. Aquele que abdica do Graal por conveniências afetivas está perdendo não apenas tempo, mas a si mesmo.

A morte de Germer em West Point, Califórnia, em 1962, marcou o fim da presença física do último discípulo diretamente designado por Crowley, encerrando um ciclo e iniciando o período de reativação da A·A·: por Motta. Como elo entre o Profeta e a geração posterior, Karl Germer desempenhou um papel silencioso mas decisivo na preservação da Lei e na transmissão espiritual da A·A·.

⁷ Karl Germer citado em J. Edward Cornelius. *ESSAYS* Vol. 8. Privadamente publicado, 2019, pp. 266.

⁸ Grady Louis McMurtry nasceu em 18 de outubro de 1918, em Big Cabin, Oklahoma. Foi amigo de Jack Parsons (1914-1952), que o introduziu aos escritos de Aleister Crowley. Em 5 de janeiro de 1941, Grady assistiu à sua primeira MISSA GNÓSTICA na *Loja Ágape* da O.T.O. em Pasadena, Califórnia. Ele recordava que *o templo era grande o suficiente para que houvesse pessoas de ambos os lados do altar*, e aparentemente os homens sentavam-se de um lado e as mulheres do outro. A Missa foi belamente executada, e um momento específico causou-lhe uma impressão duradoura. Ele escreveu: *Chegamos às Coletas. Ao ponto em que se diz «seiva do freixo do mundo, árvore do assombro», onde todos dizem juntos. E eu olhei para as pessoas à minha direita e à minha esquerda, e percebi: «Estas são as pessoas que eu descí para encontrar. Estas são as pessoas que eu vim procurar».* E foi assim que me tornei thelemita. Ele e sua esposa, Claire, foram iniciados no grau Minerval e no Primeiro Grau em 13 de junho de 1941. Posteriormente, ele afirmou que ambos *se adaptaram [à O.T.O.] como patos na água* e que *instintivamente estávamos em casa*. Grady serviu na Segunda Guerra Mundial. Estando estacionado na Inglaterra antes do Dia D, conheceu Aleister Crowley, que não apenas o iniciou no IX° Grau, como também lhe deu o nome mágico *Hymenaeus Alpha 777*. Em agosto de 1944, Crowley enviou a Grady a primeira das infames *Cartas do Califado*. Crowley acreditava que, sendo ele o profeta do Novo Aeon, de Thelema, assim como Maomé foi para o Islã, o título de *Califa* era apropriado para indicar a sucessão espiritual, enquanto a posição de O.H.O. (*Cabeça Externa da Ordem*) representava o aspecto material. Crowley morreu em 1947; seu herdeiro foi Karl Germer (1885-1962), e após a morte deste, Grady assumiu a liderança da O.T.O. Em 1969, Grady retornou à Califórnia.

Em 22 de março de 1970, e um mês depois, em 24 de abril de 1970, ele decidiu oficialmente buscar o grau de Mestre do Templo 8°=3°, prestando o *Juramento do Abismo*. Segundo Crowley, é direito de todo aspirante, independentemente do grau que possua, prestar tal juramento, e ninguém tem o direito de impedir. Em 1916, Crowley escreveu uma carta a Frater Achad sobre o Juramento do Abismo, na qual afirmou: *Observe que, sobre o assunto do 8°=3°, não tenho o direito de inquirir*. Se Crowley não pôde negar a reivindicação de Achad, quanto menos se poderia negar a de Grady. Anos mais tarde, em 12 de outubro de 1977, como Magus 9°=2°, Grady proferiu sua Palavra Mágica: *O.T.O.*, estabelecendo formalmente a *Grande Loja da O.T.O.* em Berkeley, Califórnia. Grady faleceu em 12 de julho de 1985, na Califórnia, após longa enfermidade. Estava deitado em seu leito no Brookside Hospital, em San Pablo, discutindo formas de meditação com um amigo quando murmurou: *Acho que meu caminho é mais o Caminho Sufi*. Quando questionado sobre o que queria dizer, apenas olhou para cima e respondeu: *Não sei*. Em seguida, fechou os olhos e partiu em silêncio. Grady certa vez escreveu que *o momento de suprema vergonha do eu é quando se morre. É quando se acorda*. Em outras palavras, revê-se toda a encarnação com seus méritos e falhas, balança-se a cabeça – e prepara-se para a próxima. Em 15 de julho, seu corpo foi preparado no Apollo Crematory, em Emeryville, Califórnia. Foi vestido como Saladino, com turbante e sua túnica vermelha favorita. Um buquê de rosas foi colocado em seus braços pouco antes da cremação.

As cinzas de Grady permaneceram sob a guarda da O.T.O. por quase um ano. Então, em 12 de julho de 1986, um grupo embarcou em um barco alugado no Fisherman's Wharf, em San Francisco. A cerca de três milhas da Golden Gate Bridge, com a ajuda da Neptune Society, suas cinzas foram espalhadas no Oceano Pacífico. Foi escrito: *Do fogo da cremação às águas do grande mar, por fórmula e verso, celebramos seu caminho*. Uma única rosa foi então lançada à água, cortada do mesmo arbusto do qual havia sido retirado o buquê que lhe fora colocado nas mãos na cremação. À medida que suas cinzas desapareciam lentamente sob as águas, um de seus poemas foi lido para acompanhá-lo em sua última viagem: *O Redentor que está nas Águas*. Nota biográfica retirada de J. Edward Cornelius. GRADY LOUIS MCMURTRY: THE MAN, THE MYTH AND THE LEGEND. Publicação privada, 2023.

Kundry, na lenda do Graal, é a imagem simbólica do plano terrestre que arrasta os Cavaleiros da Busca. Sua figura não tem gênero: ela é o Mundo da Forma, é Malkuth, e pode manifestar-se em qualquer relação que nos seduza para baixo. Sua redenção depende do sacrifício da distração e da firmeza do centro. Cada aspirante deve, com coragem, elevar a Filha ao Trono da Mãe e realizar a União da Terra com o Espaço.

Toda estrela está chamada a irradiar em duas direções: para o Espaço e para a Terra. Negligenciar um é trair o outro. Não se trata de recusar o mundo, mas de ordená-lo segundo a Vontade. A encarnação é o ponto de partida, mas a ascensão é a meta.

Thelemitas respeitam os outros, sim; mas sabem que Estrelas seguem suas próprias órbitas. Quando colidem, ou uma está fora de sua rota, ou ambas estão perdidas. Guardar o próprio círculo é dever de todo Iniciado.

Recordo-me de uma conversa com um amigo que sugeria que thelemitas são mais próximos da direita que da esquerda. Talvez. Mas mais fiel à Lei é esta afirmação: *Que meus servidores sejam poucos & secretos: eles regerão os muitos & os conhecidos* (AL I:10). Não se trata de elitismo, mas de Realidade: a maioria deseja servir, não reinar.

Escravos temem os reis. Reis não temem os escravos. A escravidão thelêmica é interior: é a escolha voluntária da ignorância, da moralidade imposta, do conforto sobre a Vontade. Não importa o governo: um Rei escolhe suas vestes (*cf.* AL II:58). Vejo hoje muitos que aprenderam sobre a Liberdade, mas vivem presos aos muros das convenções sociais, do politicamente correto, e do ressentimento dos fracos e pedantes, dos escravos. Que houve com a rebelião?

Meus colegas se escandalizam porque não voto. Não voto porque sou Rei, e não coloco minha coroa à mercê de vontades alheias. Pergunto a eles: onde estão meus direitos no vosso Universo? Se puderem responder, talvez um dia eu os leve a sério.

Tive um amigo de esquerda que, julgando-se Rei, queria alimentar os pobres e distribuir saúde gratuita. Questionei: A custa de quem?. Ele dizia: dos ricos. E assim revelava que sua realeza era retórica. O verdadeiro Rei não restringe. O verdadeiro thelemita é contra toda forma de coerção.

Sim, para nós, o único pecado é a Restrição. Isso inclui censura, vitimismo e sentimentalismo moral. Como ensinou Robert Anton Wilson (1932-2007):⁹ *O único ato verdadeiramente revolucionário é dizer a verdade sobre tudo.*¹⁰ Quem foge da crítica não é iniciado: é escravo. Nada levamos desta vida, salvo a consciência que dela extraímos.

⁹ Robert Anton Wilson foi um escritor, filósofo e conferencista norte-americano, notório por sua defesa da liberdade cognitiva, pelo seu ceticismo radical e por sua crítica às estruturas autoritárias de poder. Tornou-se conhecido como coautor da trilogia ILLUMINATUS! (com Robert Shea), obra seminal da contracultura psicodélica e do chamado Discordianismo, movimento satírico-filosófico que questiona dogmas religiosos, políticos e científicos. Wilson também é autor de PROMETHEUS RISING e COSMIC TRIGGER, textos que influenciaram gerações de ocultistas, anarquistas e teóricos da mente expandida ou estados alterados de consciência. Sua máxima de que *o único ato verdadeiramente revolucionário é dizer a verdade sobre tudo* sintetiza sua ética libertária alinhada à Lei de Thelema.

¹⁰ Robert Anton Wilson. *Natural Law*, 1987. Disponível na internet.

E para subir da Terra ao Mundo, na Árvore da Vida, há de se deixar o chumbo de Saturno. Renuncia a tudo que pesa, tudo que retarda tua ascensão. Essa deveria ser tua verdadeira resolução de ano novo thelemico em 2025 E.V.: cumprir a Lei.

CONCLUSÃO

Ser thelemita é mais do que aderir a uma estética ou repetir slogans libertários: é um compromisso radical com a soberania da alma e com a responsabilidade que tal liberdade implica. Na Era da Estrela, i.e. no Novo Aeon em que cada ser é chamado a brilhar com sua luz singular, qualquer tentativa de nivelar as consciências por decretos morais, discursos vitimistas ou políticas de coerção coletiva constitui uma traição à Lei. A verdadeira liberdade, como ensinada em Thelema, é incompatível com a tirania das boas intenções — sobretudo quando estas sacrificam a Verdadeira Vontade no altar do conformismo ideológico.

Casos como o de Bret Weinstein evidenciam o perigo real de uma sociedade onde o dissenso é punido e a virtude se transforma em máscara para o autoritarismo. Jack Parsons, com clareza profética, já advertia que toda revolução que silencia vozes divergentes caminha para sua própria negação. O thelemita não nega a diversidade, mas afirma que esta só é legítima quando nasce da liberdade e da escuta, e não da imposição. Quando um sistema exige que se abdique da própria consciência para ser aceito, ele não liberta — escraviza.

A missão do Iniciado, portanto, é dupla: cultivar a sua própria Vontade com rigor e coragem, e defender, mesmo em meio à tempestade, o direito de todos realizarem sua estrela. Isso inclui proteger a livre expressão, o pensamento dissidente e a autodeterminação de cada ser — não por benevolência, mas por fidelidade à Lei. Pois só onde há liberdade, pode haver Vontade; e onde há Vontade, há Luz.

À luz disso, a recente condenação do comediante brasileiro Leo Lins a oito anos de prisão por contar piadas tidas como ofensivas constitui um dos mais graves atentados contra a Lei de Thelema já testemunhados em um Estado dito democrático. Quando o riso é julgado por tribunais morais e a palavra é aprisionada por sentimentos feridos, não estamos mais diante de justiça — mas de uma nova forma de Inquisição. Thelema rejeita essa moral de escravos que busca nivelar a humanidade pelo ressentimento. Não há liberdade onde se pune o verbo, nem há Vontade onde se teme o riso. Um povo que entrega o direito de ofender entrega também o direito de pensar. E sem pensamento livre, nenhuma estrela poderá cumprir seu curso no firmamento.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Frater AHA-ON 777 ∴ 8°=3[□]

Praemonstrator do Outer College Brasil

